

### **PEQUENOS GRUPOS E DIVERSIDADE SEXUAL: PEQUENAS DOSES DE ESPIRITUALIDADE, DE PSICOLOGIA E DE HUMOR<sup>1</sup>**

**SMALL GROUPS AND SEXUAL DIVERSITY: SMALL DOSES OF SPIRITUALITY,  
PSYCHOLOGY AND HUMOR**

*Paulo Felipe Teixeira Almeida<sup>2</sup>*

#### RESUMO

Este artigo visa refletir sobre a temática da diversidade sexual e o meio cristão, especialmente na questão da homossexualidade. O intento, também, foi perceber e verificar se ambientes de caráter mais relacional, como os Pequenos Grupos, podem significar uma possibilidade de acolhida e de convivência mais qualificada para que toda pessoa possa cultivar e vivenciar a fé e os derivados desta, de maneira integral. O mesmo teve como ponto de partida uma palestra solicitada e proferida por ocasião de encontro anual das lideranças pastorais vinculadas à Ordem dos Pastores Batistas do Brasil/secção Pioneira. Lançando mão de abordagem que levou em consideração elementos de espiritualidade, de Psicologia (por meio da Revista *Psicoteologia*) e, também, de linguagem humorística (por meio de vídeos produzidos dentro da

<sup>1</sup> Este artigo é resultante de recorte e de adaptação de parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Teologia/Missão Urbana para obtenção do grau de Especialista em Teologia (Faculdades EST) - PPG - Programa de Pós-Graduação - São Leopoldo/RS (2011). Esta releitura/adaptação foi delimitada de forma a contemplar proposta para a disciplina Fundamentos das Práticas Sociais (Doutorado em Teologia, Faculdades EST).

<sup>2</sup> Doutorando em Teologia (EST) - Bolsista da CAPES (entidade governamental brasileira de incentivo à pesquisa científica e à formação de recursos humanos). Mestre em Teologia/MP-Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais (EST). Especialista em Teologia/Missão Urbana (EST). Licenciado em Pedagogia (ULBRA). Bacharel em Teologia (EST). E-mail: prfelipecalmeida@gmail.com

temática da homossexualidade); buscou-se correlação, reflexão e diálogo entre estas.

**Palavras-chaves:** Pequenos grupos. Diversidade sexual. Homossexualismo. Espiritualidade.

## ABSTRACT

This article aims to reflect on the issue of sexual diversity and the Christian community, especially on the issue of homosexuality. It is also intended to perceive and verify if more relational character environments, such as small groups, can lead to the possible welcoming and coexistence necessary for every person to grow and experience faith, and derivatives thereof, in a comprehensive manner. The research had, as its starting point, a lecture requested and given on the occasion of the annual meeting of the pastoral leaders linked to the Order of Baptist Pastors of Brazil/Pioneer section. Drawing on approaches that took into account elements of spirituality, psychology (through *Psicoteologia Magazine*), and comedic language (through videos produced within the theme of homosexuality); we sought between these, correlation, reflection, and dialogue.

**Keywords:** Small groups. Sexual diversity. Homosexuality. Spirituality.

## INTRODUÇÃO

A partir do convite para a preparação de uma palestra<sup>3</sup> dentro da temática da diversidade sexual, especificamente abordando perspectivas no tocante a homossexualidade, visando o evento anual da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil/Secção Pioneira que pretendeu visitar este e outros latentes temas e desafios que alcançam o pastoreio contemporâneo, pareceu-me bastante oportuno concatenar o desafio de preparação desta palestra com a pesquisa e exigências vinculadas ao Doutorado em Teologia.<sup>4</sup> Com a devida autorização do responsável pela disciplina<sup>5</sup> em questão, levei adiante o processo de pesquisa na tentativa de transliterar aqui - em parte - o escopo desta palestra. O mesmo teve, inicialmente, como fundamentos

<sup>3</sup> A Ordem dos Pastores Batistas do Brasil/Secção Pioneira solicitou que eu preparasse e apresentasse uma palestra com a temática "O desafio da diversidade sexual", por ocasião de evento realizado pela OPBB/Pioneira, neste ano (2014), em Farroupilha/RS, cujo público-alvo era - primordialmente - lideranças pastorais.

<sup>4</sup> Disciplina ministrada pelo Professor Dr. Rodolfo Gaede, na modalidade de Leitura Supervisionada (2º semestre do ano de 2014), para cumprimento de créditos necessários para o Doutorado em Teologia, Faculdades EST.

<sup>5</sup> Fundamentos de Práticas Pastorais (disciplina disponibilizada no Doutorado em Teologia, Faculdades EST).

e/ou ponto de partida para a temática: a) textos e reflexões da Revista *Psicoteologia*<sup>6</sup> e b) material revisitado sobre Pequenos Grupos, além de vídeos com linguagem humorística, de teor crítico e/ou reflexivo diante da temática da homossexualidade.

## I. PEQUENA DOSE DE ESPIRITUALIDADE

Espiritualidade não é privilégio, sequer realidade restrita de ambientes identificados com alguma linha religiosa histórica/formal. Expressões de espiritualidade têm tomado fôlego nas mais variadas formas, moldes, circunstâncias e narrativas. Em retorno de recente evento na capital paulista, deparei-me com certa expressão desta realidade. Anunciava-se para o mesmo local em que estava um outro evento em data posterior com intenção de ser qualificado como o “maior evento multiespiritual do planeta!”<sup>7</sup>

Já em artigo anterior, fora possível verificar alguns dos elementos que nos cercam e que mudam nossa perspectiva quanto às coisas de caráter espiritual e os relacionamentos correlatos ou decorrentes destas, conforme segue:

A realidade urbana não é mais uma condição de posicionamento geográfico apenas, pois o que se observa contemporaneamente é que a cultura urbana invade cidades, antes tidas como interioranas e associadas, comumente, a um ritmo, a uma cultura e a uma agenda relacionada às coisas do campo. A cultura urbana tem alcançado outras realidades e, nesta direção, leva junto os confortos, possibilidades, mas também os dramas da cidade grande. A segurança, a saúde e a educação públicas entram para o topo da agenda de necessidades e medos de cidades nas mais diversas regiões. A desconfiança e os medos alcançam as pessoas, seja nas cidades com vocação urbana, sejam nas cidades contagiadas/contaminadas com a cultura da urbanidade.<sup>8</sup>

Latente, pois, é este sentimento que nos persegue e que lembra-nos e diz que precisamos uns dos outros. Rememorar pensamento com viés mais antropológico de Schleiermacher parece bastante oportuno:

Primeiro, é da natureza humana reunir-se em grupos. Os seres humanos são seres sociais e são atraídos naturalmente para

<sup>6</sup> Publicação do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos.

<sup>7</sup> Breve apresentação do evento a partir do menu “Agenda”, submenu “Eventos Anteriores” e respectivo link do evento intitulado “1ª Virada Esotérica do Brasil”, no PORTAL GL. Disponível em: <<http://www.portalgil.com.br/imigrantes/canal/programacao/?eventos/18573/1+%AA+virada+esoterica+do+brasil/>>. Acesso em: dez. 2014.

<sup>8</sup> ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. Pequenos grupos: alternativa e vivência de espiritualidade nos centros urbanos. *Revista Batista Pioneira: Bíblia, Teologia e Prática*, Ijuí (RS), v. 2, n. 2, dez. 2013. p. 324.

perto uns dos outros. Reunir pessoas também é da natureza da religião. Logo, a existência das comunidades religiosas não é ruim, muito menos maligna, mas comum e natural. Por isso, em vez de condenar a Igreja, devemos tentar descobrir por que as comunidades religiosas existem e como tirar o melhor proveito delas.<sup>9</sup>

Dentre os desafios do pastoreio contemporâneo, mas não só de agora, está o ato contínuo de anunciar elementos e derivados da fé, da esperança e do amor. Assim, o que interessa - em essência - na vivência do pastoreio é a interlocução não só verbal, mas plena; o que incluiria o agir, servindo uns aos outros e, também, o falar, mas quem sabe, mais importante, o ouvir. Vejamos, por exemplo, a abordagem dada no livro *Direção espiritual - sabedoria para o caminho da fé*, que enaltece a combinação do ouvir com o ler, o proferir e, até mesmo, o escrever: “Ouvir é a principal atitude da pessoa que está aberta à vida e a palavra criativa de Deus”.<sup>10</sup> Diz-nos também:

Ler, meditar e ouvir a palavra de Deus nas palavras da Bíblia abrem o nosso coração à presença de Deus. Ouvimos uma frase, uma história ou uma parábola não simplesmente para sermos instruídos, informados nem inspirados, mas para sermos formados como pessoas de fé realmente obedientes. Ao ouvir assim, somos guiados pela Bíblia.<sup>11</sup>

A partir desta abordagem de Nouwen, podemos verificar uma sugestão para este abrir-se na relação com o outro, no caso com Deus; mas não restrito a este relacionamento; dada a nossa natureza relacional lembrada, anteriormente, em pensamento de Schleiermacher. Outro ponto importante salientado por Nouwen seria a fase em que se profere/diz algo: “Às vezes precisamos ouvir uma palavra vitalizadora dita por outro e voltado à nossa condição atual. Deus às vezes envia um profeta para falar uma palavra pessoal para nós quando precisamos”.<sup>12</sup> Ouvir e falar, portanto, pressupõem interesse pela outra pessoa, consideração alheia. Dessa forma, a interlocução com a outra pessoa implica o desejo de ouvi-la e falar-lhe, oportunamente. E isto envolve elementos que alimentam a espiritualidade.

Existiriam, neste sentido, ambientes facilitadores para o importante cultivo de uma vida espiritual? A igreja possui crédito público para se apresentar, institucionalmente, com condições de providenciar este espaço? Perceba no registro, abaixo, este delinear diante do contraponto da imagem e do estereótipo da igreja institucional:

<sup>9</sup>FOSTER, Richard. *Sedentos por Deus: os sete caminhos da devoção cristã*. São Paulo: Vida, 2009. p. 226.

<sup>10</sup>NOUWEN, Henri J. M. *Direção espiritual: sabedoria para o caminho da fé*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 119.

<sup>11</sup>NOUWEN, 2011, p. 121.

<sup>12</sup>NOUWEN, 2011, p. 129.

O ambiente relacional que a igreja ou comunidade de fé local oferece deverá cumprir, então, o papel agregador necessário para desconstruir a ideia de uma igreja-comércio promovida pela mídia em geral, e permitir a construção de uma nova experiência de fé e comunhão saudável para o convívio e desfrute espiritual. Num primeiro momento, o lar, a casa, a residência, permite esta ação e dinâmica por uma simples razão, não tem 'CNPJ' (um perfil institucional), ou seja, neste ambiente, encontram-se pessoas, indivíduos reais, próximos, e provavelmente mais acessíveis uns aos outros. Assim, uma reaproximação com uma espiritualidade sadia se dá pela credibilidade baseada numa amizade, num relacionamento existente.

Dessa forma, a igreja - uma vez ou outra - dependerá do crédito pessoal de quem a compõe. Assim, o resgate para a ideia de testemunho, no caso, cristão, fará o papel que a instituição por si mesma já não consegue, porventura por imagem distorcida decorrente de ações de própria responsabilidade e/ou de terceiros (outras igrejas/comunidades de fé que, eventualmente, possam “ganhar” espaço na mídia por escândalos e posições desagregadoras).

Pelo encorajamento de Bonhoeffer, o mecanismo do testemunho pessoal pode significar esta possibilidade de reconciliação para com o sagrado, para a vivência de uma espiritualidade sadia e coerente, conectando pessoa com pessoa, e de modo que se apercebam pessoas em comunidade:

Os que haviam sido chamados já não podiam viver no anonimato; eram a luz que tem de brilhar, a cidade edificada sobre o monte que tem de ser vista. Por sobre sua comunhão pairavam, visivelmente, a cruz e a paixão de Jesus Cristo. Por causa dessa comunhão, os discípulos tinham de abandonar tudo, tinham que sofrer e ser perseguidos; todavia, em sua comunhão recebiam, justamente, na perseguição, visivelmente o que haviam perdido - irmãos, irmãs, campos, casas. A comunidade dos seguidores estava bem visível diante do mundo. Havia corpos que agiam, trabalham e sofriam na comunhão de Jesus.<sup>13</sup>

Este processo pode considerar inicialmente a realidade do anonimato, ou seja, aqueles momentos iniciais em que se respeita o tempo de ambientação de quem visita o grupo, visto que seja bastante aceitável que a pessoa interessada vai agregando-se, aos poucos; primeiramente, com aquelas e com aqueles a quem conhece, e após com o restante do grupo.

<sup>13</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 158.

Mas quando se fala da acolhida envolvendo a pessoa homossexual, por mais que este ambiente lhe seja ou lhe pareça familiar, o que dizer quando as portas mantêm-se trancadas pelas “chaves” do preconceito cultural e/ou religioso? O olhar de soslaio, o cochicho e as piadas alimentam desconfiança, neste espectro; este sentimento, portanto, pode se fortalecer e se tornar alimento que causa “indigestão”, esgotamento e, não raro, antipatia pela realidade espiritual.

Por conta das impressões vivenciadas diante de contexto religioso impregnado de preconceito, o estereótipo poderá ser estabelecido e, assim, até mesmo aquele grupo de pessoas e suas comunidades de fé que agem e lutam contra o descaso e o preconceito para com quem quer que seja, sofrem. Um efeito cascata de desconfiança cria corpo e pode arrasar ou, no mínimo, dificultar uma vinculação sadia entre pessoas que procuram suprir suas necessidades espirituais e as respectivas comunidades de fé.

## 2. PEQUENA DOSE DE PSICOLOGIA

Seria interesse perquirido e realizado, entretanto, por parte das diversas comunidades de fé, uma interlocução quando a outra pessoa é homossexual? É característica nata e praticada por parte de lideranças pastorais (lideranças do cuidado?!) quando a outra pessoa é homossexual? Nossas congregações e respectivas memórias acolhem de fato ou com reservas a pessoa homossexual? Penso que não se pode trazer respostas objetivas e padronizadas a estes questionamentos; talvez seja mais provável respostas múltiplas, antecedidas e recheadas de debates. O que se pode supor - no mínimo - é que alguma tensão se estabelece nesta temática. De um lado, talvez, uma militância ativa; noutro, descaso. E, talvez, entre uma extremidade e outra, uma série de dúvidas.

Agora que temas latentes e desafiantes como a homossexualidade se apresentam no contexto do pastoreio, este exercício parece clamar por espaço. Entretanto, neste tema específico, é possível vislumbrar especial tensão nas e por meio das lideranças religiosas e pastorais e, até mesmo, em outros ambientes vinculados ao cuidado. Em texto escrito na Revista *Psicoteologia*, o Rev. Zenon Lotufo Jr. antecipa seu artigo, partilhando expressiva frase do psicólogo Gary Collins: “Não existe provavelmente outra palavra (homossexualidade) em nossa língua que seja um símbolo tão grande de controvérsia e que provoque tão rápidas reações emocionais”.<sup>14</sup> Como

<sup>14</sup> LOTUFO JR, Zenon. A homossexualidade e o meio cristão. *Psicoteologia*, Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, Araçariçuama, n. 29, 1º sem. 2001. p. 8.

que antessala para o artigo de Lotufo Jr., ainda na referida publicação, o teólogo e professor Richard J. Foster é lembrado, conforme segue: “A homossexualidade é um problema tão inflamável no momento dentro da comunidade cristã que o que for dito será severamente criticado - e provavelmente por uma boa razão”.<sup>15</sup>

O Pequeno Grupo intencionalmente e quando - de fato - isento de posicionamento preconceituoso poderia ser o ambiente em que se cuida uns dos outros, quando necessário; mas, também, o ambiente em que se estabelece cuidado preventivo, na perspectiva do aporte e suporte espiritual. Isto pode ser considerado como de grande valia dentro das demandas homossexuais. Ter um espaço sadio, isento de preconceito, aberto ao diálogo amistoso e fraternal e em que confiança seja um valor nutrido pode fazer do espaço não institucional (Pequeno Grupo) uma oportunidade de acolhida e convivência. Para isso, a igreja precisa perceber-se nas pessoas que a formam e, assim, vislumbrar-se itinerante. Isto se faz essencial, e a faz relevante. Na reflexão de Falcão Sobrinho, podemos ver uma mudança de perspectiva para o ser e o agir da igreja:

Não devemos pensar em visitar apenas os membros de nossa igreja, mas precisamos estender a graça do Evangelho a todos os enfermos, seja qual for a sua religião. Muitos enfermos estão hospitalizados, outros estão em seus lares.<sup>16</sup>

As dores físicas, emocionais e espirituais não têm preconceito e podem atingir ou atingirão qualquer indivíduo, independente se heterossexual ou se homossexual. Negar, portanto, acolhida a uma ou outra pessoa implica tendência e/ou prática de acepção, como também descaso para com o conhecido e propagado princípio exposto no texto bíblico do Evangelho de João, capítulo 3, versículo 16 (ACF)<sup>17</sup>: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Verificação que reforça a necessidade de cuidado intencional é apontada em artigo da Revista *Psicoteologia* sobre o homossexualismo e o meio cristão. O autor do artigo, pastor presbiteriano e analista, ressalta:

Vale a pena mencionar que há praticamente unanimidade entre os autores evangélicos que tratam do assunto, por diferentes que sejam suas posições teológicas, quanto à necessidade de uma atitude acolhedora e não condenatória por parte

<sup>15</sup> LOTUFO JR, 2001, p. 8.

<sup>16</sup> FALCÃO SOBRINHO, João. *Aconselhamento cristão em tempos de crise*. Rio de Janeiro: UFMBB, 2004. p. 50.

<sup>17</sup> BÍBLIA Sagrada, edição Almeida Corrigida Fiel (ACF).

das comunidades cristãs ao que se refere aos homossexuais, como, de resto, a todos quantos precisam do perdão e do amor incondicional de Deus (e que somos todos nós).<sup>18</sup>

Somos chamadas e chamados, portanto, à esfera do cuidado real, relacional. Caso contrário, estaríamos por alimentar a lógica do medo, salientam Rocha, Wadt e Robles: “A violência instaurada culturalmente contra homens e mulheres homossexuais permite que a lógica do medo e da ameaça controle a sociedade e mantenha a divisão e a diferença hierárquica de gênero”.<sup>19</sup>

### 3. PEQUENA DOSE DE HUMOR

A igreja e suas representações poderão sofrer pelo estereótipo nestas aderido. Tal qual pode ocorrer em relação a políticos e a celebridades, por exemplo, a igreja também pode - pela crítica do humor - ter apresentação de maneira caricata por mostrar-se deslocada, desinteressada, fora de contexto, com linguagem inadequada, não efetiva e, até mesmo, esdrúxula. Poderá sofrer as consequências advindas da linguagem do humor, seja das suas versões mais brandas às mais ácidas. Uma destas marcas que acompanham a igreja, neste sentido, pode ser a que a vincula a uma lógica de mercado:

Um fenômeno que ocorre na atualidade é uma busca intencional por soluções rápidas para os problemas urbanos do dia a dia dentro das diversas igrejas cristãs. Por muitas pessoas, as igrejas parecem ser percebidas como ‘supermercados da fé’, nas quais se imagina encontrar uma diversificada linha de ‘produtos’ contendo solução específica para cada problema vivido no cotidiano inseguro das grandes cidades. É verdade que algumas igrejas fazem deste expediente sua maneira de agir, seu modo de operação. Sendo assim, pelo menos dois perfis de público-alvo podem ser elencados: o cliente, ou seja, aquele que entra na igreja mercado para comprar seu produto religioso, sair e usá-lo; e um segundo tipo é aquele que reconhece que tem necessidades, mas não deseja se envolver nesta espécie de negociata da fé. Mesmo assim, o que move este último também acaba por afastá-lo de conhecer igrejas que apresentam uma proposta mais séria e comprometida com Cristo, como também das verdades bíblicas que trazem consolo, encorajamento e alimentam com esperança. Este

<sup>18</sup> LOTUFO JR, 2001, p. 9.

<sup>19</sup> ROCHA, WADT, ROBLES. O psicólogo cristão saindo do armário. *Psicoteologia*, Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, Araçatiguama, n. 42, 1º sem. 2008. p. 20.



segundo tipo tem em si marcas de desconfiança em relação à igreja. Para que este tipo de pessoa seja alcançado, digamos, para uma experiência de fé e vida cristã mais profunda, faz-se necessário uma reconquista de confiança; assim, tudo o que lembrar 'estruturalmente' este mercado da fé precisa ser descartado.<sup>20</sup>

Entendo que, por vezes, a linguagem do humor pode nos oportunizar excelentes reflexões diante de temas polêmicos, fazendo-nos refletir e pondo-nos a pensar sobre nossas próprias atitudes e, não raro, mexendo em nossas convicções particulares e, até mesmo, comunitárias. Em dois vídeos que citarei a seguir, pude perceber como inadequado e desconcertante soa algumas posturas e atitudes em nossas comunidades de fé.

O primeiro vídeo<sup>21</sup> a que faço menção é produzido pelo grupo/canal Parafernália, com o título "Tempos modernos"; o segundo vídeo,<sup>22</sup> do canal Desconfinados, é intitulado "Cura Gay". Aparentemente, temos no primeiro uma não vinculação a nenhum grupo religioso formal, enquanto no segundo parece haver uma abordagem a partir de quem conhece e/ou vivencia meios religiosos. Ambos, entretanto, possuem um tom crítico e reflexivo, pelo viés da linguagem do humor.

No primeiro vídeo, chama a atenção a inversão plena das atuais narrativas, papéis e posturas. É uma família que se reúne para o café da manhã e inicia debate que vai se acalorando, aos poucos. O filho, um jovem, ao sentar-se à mesa, é questionado sobre uma mancha de batom na camisa. Ele, o jovem, disfarça e tenta sair do assunto. Pressionado e acuado, explode e reage admitindo que gosta de mulheres. Sua mãe e seu pai se desesperam. Ambos se perguntam o que fizeram e que não criaram um filho para ser homossexual. As alegações apelativas vão dando o tom do que virá a se transformar em reflexão para o olhar além do riso de quem assiste com atenção o desenrolar da trama deste vídeo de poucos minutos. Ponderações poderiam ser feitas, ainda, diante das sugestões - por parte de pai e mãe - de tratamento com psicologia e por meio da igreja, no intento de reverter esta situação apresentada.

No segundo vídeo, mesmo que o enredo envolva ambiente não religioso, também transparece a ideia de como se age em muitas situações em que a homossexualidade se apresenta para igrejas, congregações e comunidades de fé. No caso, um jovem

<sup>20</sup> ALMEIDA, 2013, p. 325.

<sup>21</sup> PARAFERNALHA. Tempos Modernos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CjQUVIXabUY>>. Acesso em: out. 2014.

<sup>22</sup> DESCONFINADOS. Cura gay. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=377qeScfY1c>>. Acesso em: out. 2014.

adulto busca atendimento médico dando conta de comportamentos “esquisitos/ estranhos”. O médico questiona sobre os mesmos e obtém entre as respostas: unhas pintadas com base, dores nas costas pelo uso de sutiã e, inusitadamente, a voluntária e pronta pronúncia do folclórico número vinte e quatro no lugar do habitual trinta e três na ausculta do pulmão. O médico, então, afirma que o paciente “está gay”. De maneira assustada, o paciente questiona como “pegou um negócio deste”. Em linha muito semelhante ao vídeo anterior, a conduta de “cura” se dá pela mudança forçada de hábitos ou em tom mágico. Assim, o paciente passa a ter restrições indicadas pelo médico como, por exemplo, não assistir a filmes de comédia romântica durante o período de seis meses. Em seu retorno, o paciente - neste ponto com tom de voz mais grave - é testado de diversos modos pelo médico, que o questiona - indiretamente - sobre alguns hábitos para averiguar a situação pós-tratamento; eis alguns dos testes: se o paciente assiste a novelas e se aprecia vinhos, por exemplo. Ao final, o médico o libera, inclusive para assistir a filmes românticos. O paciente, entretanto, introjetado no tratamento, sai indignado, como quem se ofende e reage a uma alusão de comportamento que não combinaria mais com a sua atual condição de homossexual.

Em ambos os vídeos, independente da motivação real de cada qual, entendo que se pode trazer à reflexão o tema e como se tem abordado o mesmo em nossas esferas de relacionamento, sobremodo, nos contextos de nossas comunidades de fé.

## CONCLUSÃO

Nossas necessidades de caráter espiritual, principalmente, não podem ficar reféns e confinadas a estruturas desinteressadas e longe de seu tempo, enquanto pessoas sofrem e precisam de atenção e cuidado restaurador, agora. Existe pela lógica de mercado uma natural apreensão em nossas relações, como se pode delinear em outro artigo: “Ao pensar na dramática necessidade relacional que os centros urbanos geram, na superficialidade, na opressora agenda para sobrevivência, pode-se imaginar uma nada saudável ênfase em si mesma, em si mesmo”.<sup>23</sup> Aderir a este processo significaria algum tipo de alienação para com a mensagem de fé, de esperança e de amor para a qual somos encorajados e encorajados.

Deparamo-nos com pessoas dentro das diversas comunidades de fé buscando satisfação exclusivamente pessoal. A outra pessoa passa a ser concorrente, inimiga e, quando muito, ferramenta para intenções particulares apenas. Perspectivas pessoais

<sup>23</sup> ALMEIDA, 2013, p. 327.

e pró-comunidade se distanciam. Por conta deste cenário, de outro lado, encontramos pessoas com ojeriza a qualquer menção a igreja e a sua presença e/ou ação. Identificar-se com a outra pessoa e na outra pessoa torna-se indesejável.

O princípio de alteridade não passa de utopia, assim. O altruísmo quando evocado, primeiramente, pode significar nada além de alívio para as próprias dores internas, como compensação. A alteridade como gesto genuíno e voluntário lembra-nos do padrão divino de Deus para conosco. Em Cristo, ou na vida terrena de Jesus, podemos, então, vislumbrar um padrão de alteridade superior, que extrapola a capacidade do termo, na verdade; pois Cristo não só veio até nós, percebeu nossas dores e clamores, como também forneceu em mensagem e ação oportunidade de transformação integradora e integral; pode-se mais do que cogitar, buscar referência no modo de agir, no ensino e prática de Cristo: sua vinda, sua vida, a maneira e os meios de interação de Cristo levavam em consideração a realidade e as necessidades de compreensão da outra pessoa. E Ele nos encorajou a reproduzir esta mensagem. Vejamos o que nos diz o texto de Filipenses 2.7 (NTLH)<sup>24</sup>: ‘Pelo contrário, ele abriu mão de tudo o que era seu e tomou a natureza de servo, tornando-se assim igual aos seres humanos. E, vivendo a vida comum de um ser humano [...]’.<sup>25</sup>

Inevitável é rememorar a confrontadora abordagem de Bonhoeffer:

[...] evidenciou-se que o discípulo não dispõe de um direito próprio, de poder próprio no encontro com as outras pessoas. Ele vive exclusivamente da força da comunhão de Jesus Cristo. Jesus dá aos discípulos uma regra muito simples por meio da qual mesmo o mais singelo pode constatar se seu trato com os outros está certo ou errado; para tanto basta inverter os papéis; basta pôr-se no lugar do outro e ao outro em seu próprio. ‘Tudo quanto, pois, vocês querem que os seres humanos lhes façam, assim façam-nos também a eles’. No mesmo instante, o discípulo perde qualquer direito especial em relação ao outro, e não poderia desculpar para si o que condena no outro [...].<sup>26</sup>

O pastor Falcão Sobrinho nos dá uma dimensão dos benefícios e efetiva salvação que podemos almejar:

[...] Comunhão fraternal, mutualidade, extensão do próprio ser através da koinonia; ajuda mútua, confiança, oração uns pelos outros, aprofundamento das raízes do amor. Como solidão

<sup>24</sup> BÍBLIA Sagrada, edição Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH).

<sup>25</sup> ALMEIDA, 2013, p. 327-328.

<sup>26</sup> BONHOEFFER, 2004, p. 117-118.

e o autoconfinamento geralmente acompanham as crises que resultam em suicídio, o desenvolvimento de uma comunhão sincera na Igreja abre janelas para a respiração da alma angustiada e abre também portas por onde pode entrar ajuda nas horas de depressão.<sup>27</sup>

Para a comunidade de fé, portanto, que desejar uma vivência bíblica da acolhida e da convivência, “esta é a regra de ouro como apresentada na pregação de Jesus e, eventualmente, presente em outras religiões e filosofias”.<sup>28</sup>

É preciso intimidade para anunciar e vivenciar tais verdades. Assim, mais uma vez, parece que o Pequeno Grupo que seja isento - genuinamente - deste preconceito pode se tornar ambiente relacional proposto para conhecermos a Deus e uns aos outros, significando espaço e oportunidade para tanto. Intimidade requer interesse na outra pessoa. Já a natureza do preconceito é o afastamento. Cristo, diz-nos o texto bíblico, pagou o preço da aproximação relacional.

O pensamento de Schleiermacher reclama atenção para a troca e a paridade, de modo a evitar os males da hierarquia burocrática e de uma sobreposição de classes de pessoas:

Então, Schleiermacher mostra a forma em que comunidades específicas de fé nos ajudam a entender nossas experiências com Deus. Falando, ouvindo e adorando juntos, somos capazes de compartilhar nossas experiências espirituais e assim obtermos mais discernimento, com base no que é compartilhado. Esse processo nos orienta na compreensão dessas experiências e demonstra que a Igreja verdadeira é baseada na troca, não em hierarquias repressivas. Destacando isso, Schleiermacher defende uma comunidade em que a religião verdadeira seja a troca entre iguais que experimentam a Deus.<sup>29</sup>

E para quem se preocupa, sobremaneira, com possíveis adulterações doutrinárias, nenhuma destas pode, entretanto, fundamentar uma atitude que legitime o preconceito e, por consequência, violência aberta ou velada e acepções. Caso contrário, estaríamos legitimando uma atitude doutro modo, noutra discurso: de arrogância, de orgulho, de desinteresse e, até mesmo, de desconhecimento de causa, como ressaltam autores mencionados logo acima: “[...] a arrogância dos heterossexuais em falar de uma ferida que, primeiramente, não é sua”.<sup>30</sup> É intolerável, portanto, uma comunidade

<sup>27</sup> FALCÃO SOBRINHO, 2004, p. 107.

<sup>28</sup> ALMEIDA, 2013, p. 328.

<sup>29</sup> FOSTER, 2009, p. 226.

<sup>30</sup> ROCHA, WADT, ROBLES, 2008, p. 19.

de fé que pratica a indiferença para com a pessoa homossexual, sua realidade e suas necessidades físicas, emocionais e espirituais. Torna-se, assim, imprescindível a escolha pela oração, pregação, preparo e ações intencionais para com a temática da homossexualidade, no sentido de sensibilizar a comunidade de fé para o acolhimento e a integração de toda pessoa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. **Pequenos grupos missionários: mãos, braços ou corpo de Cristo**. 2011. 55 f. TCCP (Especialização em Missão urbana) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2011.

\_\_\_\_\_. Pequenos grupos: alternativa e vivência de espiritualidade nos centros urbanos. In: *Revista Batista Pioneira: Bíblia, Teologia e Prática*, Ijuí (RS), v. 2, n. 2, dez. 2013.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

DESCONFINADOS. **Cura gay**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=377qeScfY1c>>. Acesso em: out. 2014.

FALCÃO SOBRINHO, João. **Aconselhamento cristão em tempos de crise**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2004.

FONTES, Fátima. Entendendo a pessoa homossexual. *Psicoteologia*, Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, Araçariquama, ano XIV, n. 29, 1º sem. 2001.

FOSTER, Richard. **Sedentos por Deus: os sete caminhos da devoção cristã**. São Paulo: Vida, 2009.

NOUWEN, Henri J. M. **Direção espiritual: sabedoria para o caminho da fé**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PARAFERNALIA. **Tempos modernos**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CjQUVIXabUY>>. Acesso em: out. 2014.

ROCHA, WADT, ROBLES. O psicólogo cristão saindo do armário. *Psicoteologia*, Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, Araçariguama, ano XXI, n. 42, 1º sem. 2008.